



---

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida

---

Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas

---

ESTEVES, Luiz Carlos Gil

Doutor em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

luizesteves@yahoo.com.br

---

ABRAMOVAY, Miriam

Doutoranda da Universidade René Descartes-Sorbonne - Paris V

Conselho Nacional de Juventude

mabramovay@gmail.com

---

### Resumo

Com base em dados da pesquisa "Juventude, juventudes: o que une e o que separa", realizada pela Unesco, em 2004, trabalho que inaugurou, no Brasil, a incorporação da faixa etária de 25 a 29 anos nos estudos sobre as juventudes, o artigo busca contrapor os diversos modos como os jovens são vistos socialmente (modos estes considerados fundamentalmente depreciativos, porque produto de uma sociedade "adultocrata") com as também múltiplas visões que eles têm de si próprios, percepções estas que sinalizam, entre uma série de outros aspectos positivos, que tal estrato populacional se encontra impregnado de otimismo tanto com o seu presente quanto com o seu futuro. Argumentando que vivenciar a condição juvenil não é tão-somente ser/estar na moda, os autores reivindicam um espaço para as juventudes nas sociedades contemporâneas que, para além da esfera meramente estética, também implique em sua participação numa dimensão sobretudo ética.

Palavras-chave: juventude; identidade juvenil; estética e ética juvenil.





## JUVENTUDE, JUVENTUDES: PELOS OUTROS E POR ELAS MESMAS

Luiz Carlos Gil Esteves<sup>I</sup>

Miriam Abramovay<sup>II</sup>

Um traço que tem caracterizado algumas das mais significativas reflexões acerca dos aspectos que conformam a realidade brasileira contemporânea relaciona-se, sem dúvida, à percepção de que estaríamos atravessando um período bastante difícil e conturbado, marcado pelo contínuo recrudescimento de uma crise generalizada, cujos reflexos se fazem em diferentes instâncias da vida social. No que diz respeito àquelas que se constituiriam as principais conseqüências dessa situação, elas podem ser traduzidas e agrupadas, de modo geral, com base nos seguintes pressupostos: descrença no presente, desesperança no futuro e, em decorrência desse quadro, o surgimento e a permanência de um sentimento nostálgico de revalorização do tempo passado, compondo um cenário cujo elemento mais constante seria, explícita ou implicitamente, o pessimismo.

Entretanto, ao nos debruçarmos sobre algumas das informações oriundas da pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa” (Abramovay et al., 2006), fomos surpreendidos por uma série de dados que, na contramão desse sentimento pessimista, apontavam outras direções. Isto porque, inquiridos sobre diversos aspectos que vêm caracterizando a sua existência (quais os principais traços da juventude, seu nível de satisfação com a vida, entre outros), os jovens entrevistados ofereceram respostas em cuja base se assenta uma percepção predominantemente positiva.

Desta forma, se devido à conjugação de novos e/ou à persistência de antigos fatores estruturais adversos tomamos como verdadeira a premissa de que a sociedade brasileira passa por momentos difíceis em sua história recente, tal situação não parece forte o suficiente a ponto de abalar as percepções juvenis em relação à sua auto-imagem nem tampouco minar o seu sentimento de satisfação com a vida. Assim, na medida em que os jovens expressam sua percepção de um presente que, de alguma forma, acena para eles com maiores possibilidades, sinalizam, ao mesmo tempo, sua própria expectativa de um futuro com mais e melhores oportunidades, cujo resultado pode ser traduzido na elevada proporção de jovens que se consideram satisfeitos ou muito satisfeitos com sua existência, conforme será visto adiante.

Para uma melhor sistematização das reflexões realizadas, os conteúdos deste artigo foram agrupados em dois distintos blocos temáticos: o primeiro, contendo uma breve discussão sobre alguns dos olhares lançados sobre a juventude; e o segundo, no qual, com base em dados do estudo, aborda-se, inicialmente, a visão que os jovens fazem de si mesmos, isto é, sobre sua própria condição juvenil, e, posteriormente, realiza-se uma análise a propósito dos níveis de satisfação e de insatisfação das juventudes com a vida que levam.

Por fim, vale ressaltar que, na medida em que a maioria das reflexões aqui contidas têm como ponto de partida a percepção juvenil, elas serão mais bem entendidas se consideradas, no limite de suas possibilidades, como mais um instrumento a serviço das juventudes na busca por maiores espaços de expressão e afirmação de suas identidades. Na contramão, portanto, das perspectivas dominantes que historicamente vêm relegando nossos jovens a um papel menor e secundário no campo das práticas cotidianas, cujos resultados mais evidentes se manifestam, dentre uma série de outros sintomas, na escassez e/ou inadequabilidade de iniciativas e propostas, na esfera das políticas públicas, formuladas para as juventudes.

### 1. O jovem pelos outros

Um dos critérios mais comuns no tratamento da juventude ancora-se em postulados demográficos, respaldados por aportes da psicologia. Assim, visando facilitar a realização de comparações internacionais, regionais, temporais, socioeconômicas etc., parte-se de uma definição predominantemente etária,



abrangendo o ciclo que vai dos 15 aos 29 anos, cuja principal característica é a transitoriedade, razão pela qual está fadada a ser perdida com o passar dos anos (Unesco, 2004).

A realidade demonstra, no entanto, que não há somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Assim, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção esta na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, referências múltiplas, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. Por essa linha, torna-se cada vez mais corriqueiro o emprego do termo “juventudes”, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas sim de apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria (Pais, 1993).

Entretanto, embora essas duas visões impliquem em diferentes abordagens, elas não se anulam. Isto porque, dependendo do enfoque, a juventude pode se apresentar tanto como um grupo aparentemente homogêneo quanto heterogêneo. No primeiro caso, por exemplo, quando a comparamos com outras gerações; no segundo, quando analisada como um conjunto social detentor de atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

Margullis e Urresti (1996) alertam que o conceito de juventude, do mesmo modo que toda categoria socialmente construída, possui uma dimensão simbólica. Entretanto, reduzi-lo a essa dimensão empobrece o seu significado, desmaterializando-o. Logo, seu tratamento deve, obrigatoriamente, considerar as determinações materiais, históricas e políticas inerentes a toda e qualquer produção social.

Abordando a juventude numa perspectiva histórica, Ribeiro (2004) situa no século XVIII, mais especificamente, em torno da Revolução Francesa, a emergência do modo pelo qual ela vem sendo interpretada. Destaca o autor que, até então, a sociedade perseguia padrões estéticos muito mais identificados com a velhice, dos quais as perucas brancas empoadas, utilizadas como símbolo de distinção social pela nobreza, constituem exemplos lapidares.

Com a conseqüente afirmação do modo de produção capitalista sobre o absolutismo monárquico, demandando mudanças radicais nas formas até então vigentes de organização social, econômica e política, tudo o que se identificava com o “Antigo Regime” (mentira, preconceito, servidão) cede espaço para a idéia do “novo” (liberdade, democracia, vida). É nesse contexto de enaltecimento da novidade, em que também se difunde uma noção de felicidade diretamente associada à de transformação, que a juventude passa a constituir um valor importante. Não é de se estranhar, portanto, a associação comumente realizada entre juventude e revolução, na medida em que *fazer a revolução tenha sido, durante boa parte do século XX, uma das grandes vocações dos jovens (idem, ibidem: 24)*.

Prossegue Ribeiro (2004), assinalando que desde a metade do século XX a juventude é, então, disputada por duas importantes forças, ainda que “mais ou menos antagônicas”, quais sejam, por um lado, a noção de revolução, de não-acomodação, e, por outro, a publicidade, cristalizando um determinado ideal social que, passados mais de 200 anos, “talvez jamais termine” (p. 27).

Ao centrar o foco no Brasil, Kehl (2004) constata que o prestígio da juventude é recente. Para tanto, lança mão de escritos do dramaturgo Nelson Rodrigues, que, em crônica sobre sua infância, constatava que o país, nos anos 1920, *era uma paisagem de velhos [onde] os moços não tinham função nem destino. A época não suportava a mocidade*. Naqueles anos, homens e mulheres eram muito mais valorizados ao ingressarem na fase produtiva/reprodutiva de sua existência do que *quando ainda habitavam o limbo entre a infância e a vida adulta chamado de juventude ou, como se tornou hábito depois da década de 1950, de adolescência* (p. 90). Por este motivo, não mediam esforços para parecerem mais velhos, assumindo posturas e hábitos geralmente associados às pessoas maduras - bigodes, roupas escuras e com um quê de solenidade, aspecto grave etc. - a fim de inspirarem respeito e seriedade. Entretanto, o acirramento das condições de existência produzidas pela sociedade capitalista - tais como a elevação progressiva do tempo



de formação escolar, o aumento desmedido da competição no mercado de trabalho e a conseqüente escassez de empregos - vem contribuindo para um prolongamento progressivamente abrangente, entre os “jovens adultos”, da condição de “adolescentes”. Tornando-os, em conseqüência, cada vez mais dependentes do seu respectivo núcleo familiar, ao mesmo tempo em que lhes imputa a pecha de incapazes de decidir sobre o seu próprio destino. Prossegue a autora (*ibidem*), sublinhando que tal processo acabou por revelar um estrato de consumidores extremamente poderoso...

Margulis e Urresti (1996a) aprofundam esse raciocínio, postulando que, em nossos dias, os signos atribuídos à juventude tendem a se constituir numa estética, cujo espectro engloba, dentre diversos outros aspectos, artefatos e costumes relacionados ao corpo, à indumentária e ao comportamento. A reificação desse ideal estético - que nas sociedades de consumo se apresentada como paradigma de tudo o que é desejável - viabiliza a comercialização de vários dos atributos associados à juventude na forma de mercadorias, intervindo no mercado do desejo como veículo de distinção e de legitimidade.

As diferentes juventudes não são, tão-somente, “estados de espírito”. São, isto sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, fases, anseios etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não é permanente, mas transitória e passível de modificações. Por essa linha, pode ser entendida como um “rito de passagem” entre o ser criança e o tornar-se adulto (Braslavsky, 1986), quando, segundo define Bourdieu (1983), vivencia-se uma “irresponsabilidade provisória”.

Conquanto as diferenças sejam marcantes, existem, no entanto, algumas características que parecem comuns a todos os grupamentos juvenis, estendendo-se a todos independentemente de suas condições objetivas de existência. Dentre elas, destacam-se, entre uma série de outras: a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto etc.

A despeito do imaginário social construído em torno da valorização de ideais estéticos associados às populações mais jovens, a sociedade, até hoje, tem uma enorme dificuldade em conceber o jovem com sujeito de identidade própria, oscilando entre considerá-lo adulto para algumas exigências e infantilizá-lo em outras tantas circunstâncias. Por conta disso, Esteves et al (2005) assinalam que a óptica através da qual as juventudes são percebidas é bastante difusa, apresentando aspectos, algumas vezes, em franca oposição entre si.

Ao fazerem uma síntese daquelas características que se constituíam as mais correntes, destacam que, de maneira geral, os jovens são vistos socialmente:

- ✓ De maneira dualista e maniqueísta. Se, de uma parte, são considerados como “o futuro das nações”, os responsáveis pelo advir, de outra, são acusados de pensar e agir de modo irresponsável no presente.
- ✓ De forma adultocrata, através, entre outros mecanismos, do estabelecimento de relações tensas e assimétricas entre jovens e adultos.
- ✓ Imputados de culpa. A juventude é constantemente associada à ameaça social, à criminalidade, à “delinqüência”, como se o ser jovem implicasse, de forma potencializada e direta, no desvio e na transgressão criminosos, cujos desdobramentos seriam capazes de colocar em risco tanto a sua própria integridade física e moral quanto a de toda a sociedade.

Gonçalves (2005), a exemplo de outros autores, reconhece que o interesse social por assuntos relacionados à juventude é cíclico, estando geralmente associado a situações-limite caracterizadas por crises e conflitos. Logo, seja no campo social, seja no âmbito acadêmico, ou seja, no da produção de estudos, a marca que mais vem caracterizando o foco nessa coorte é, recorrentemente, negativa. Tal estado de coisas concorre para explicar a persistência de uma visão eminentemente repressiva sobre os jovens, cujas conseqüências podem redundar no que Rodriguez (2004) classifica como “populismo punitivo”, ou seja, na adoção de medidas que, visando acalmar os ânimos aguerridos da opinião pública,



revelam-se, no confronto com a realidade, inócuas quanto à eficácia de seus efeitos. Como exemplo, pode-se mencionar, dentre outras manifestações, a forma acirrada e recorrente com que vêm sendo estabelecidas e conduzidas, por múltiplos segmentos da sociedade, ao longo dos últimos anos, as discussões em torno da redução da idade penal, cujas propostas de rebaixamento variam, junto ao Poder Legislativo Brasileiro, desde os 16 até os 12 anos de idade.

Detivemo-nos, até então, no tratamento da maioria das visões socialmente construídas sobre a juventude, cuja principal característica é estarem carregadas pelas tintas do negativismo. Diante disso, uma questão emerge como um possível contraponto: em face de esse cenário pouco animador, como será que os próprios jovens se percebem? Ou, em termos mais específicos, quais seriam as principais características que, no entender das juventudes, melhor definiriam o “ser jovem” na contemporaneidade?

## 2. O jovem por si mesmo

A pergunta anterior obriga a um outro tipo de reflexão acerca do conceito de juventude, uma vez que ao nos determos na construção dessa categoria a partir da ótica juvenil, centramo-nos não em visões “exteriores”, “estrangeiras”, mas nas dos próprios atores nela inseridos, sujeitos históricos concretos, já que situados em um tempo e um espaço determinados.

Conforme pode ser observado na tabela 1, ao declararem o que melhor define o jovem nos dias de hoje, no que pese algumas características apresentarem uma incidência de marcação maior do que outras, percebe-se uma pulverização nas respostas dos respondentes, demonstrando sua pluralidade de idéias.

Ao mesmo tempo, ainda que se reconheça a enorme diversidade existente entre os jovens – traduzida pelas diferenças de gênero, faixa etária, classe social, raça/cor, local de moradia, condição econômica, entre outras -, com base na desagregação e cruzamento dos dados, pôde-se perceber a existência de vários aspectos comuns às juventudes como um todo. Por conta disso, é que também *não se apela para uma visão fragmentada por tipo de jovens, e se ressalta que há elementos comuns a todos os jovens* (Unesco, 2004: 25).

Como fica evidente na tabela 1, a maior parte (26,9%) indica que a identidade visual - traduzida pela moda e pela aparência - representa a principal característica da condição juvenil, mesmo quando os dados são desagregados por sexo, raça/cor etc. Apresenta, apenas, uma ligeira oscilação quando decompostos em termos de região do Brasil, onde a Centro-Oeste aparece com o índice de opção mais baixo (23,8%) e a Sul alcança o mais alto (30,5%).

O relativo à consciência, à responsabilidade e ao compromisso da juventude é o segundo maior percentual de escolha entre os respondentes (14,6%). Também nesse caso, quando cruzam os dados, o percentual permanece praticamente inalterado, apresentando, apenas, uma pequena variação em função da escolaridade dos entrevistados, atingindo o percentual mínimo de 9,9% entre os jovens com ensino superior e o máximo de 16,2% entre os que declararam nível de escolaridade entre a 5ª e a 8ª séries do ensino fundamental.

É importante assinalar o número de jovens que se dividiram entre opções relacionadas à vulnerabilidade social, ou seja, 17,7%. Assim, enquanto que para 9,6% deles a insegurança pessoal e social é o que melhor caracteriza o jovem na contemporaneidade, 8,1% associam isso à falta de perspectivas.

Quanto a este último aspecto, cabe realizar algumas considerações. Apesar da similaridade e constância verificadas em grande parte das respostas, não importando os cruzamentos realizados, quando enfocamos as percepções desses jovens acerca da falta de perspectivas de futuro (que, no geral, foi o quinto item mais assinalado), surgiram alguns significativos contrastes. Ao passo que ele abarcou 10% das respostas dos jovens residentes em áreas urbanas metropolitanas, junto àqueles das áreas urbanas não-metropolitanas, tal índice caiu para 8,6%, despencando para 5,5% entre aqueles das áreas rurais. Vale destacar que tal opção foi a 3ª resposta mais assinalada pelos moradores das áreas metropolitanas; enquanto isso, ocupou a 5ª colocação entre os respondentes de áreas não-metropolitanas e somente a 7ª entre os moradores de



áreas rurais, demonstrando que quanto mais urbanizado o local de moradia, maior a desesperança no futuro por parte de seus jovens. Desagregados tais dados por grau de instrução, observam-se também algumas importantes diferenças. Para 14,8% dos jovens com ensino superior e para 11% dos que completaram o ensino médio, a falta de perspectivas é o que melhor define a juventude. Entretanto, tal percepção é compartilhada por 6,4% dos que estudaram até a 8ª série do ensino fundamental e por apenas 3,9% daqueles que cursaram até a 4ª série. Essa situação sugere que o número maior de anos passados nos bancos escolares, ao invés de ampliar os horizontes das juventudes, mitigando as incertezas quanto ao seu futuro profissional, parece concorrer para o encolhimento de suas esperanças, o que, conjugado a outros indicadores, colocar ainda mais em xeque o papel social que as instituições escolares desempenham em nossos dias.

**Tabela 1 - Distribuição da população jovem segundo o que melhor define o jovem hoje - Brasil, 2004.**

<b>O que melhor define o jovem nos dias de hoje</b>	<b>%</b>
A moda e a aparência	26,9
A força e a agilidade	4,6
A linguagem, a música	9,8
A consciência, a responsabilidade e o compromisso	14,6
A insegurança pessoal e social	9,6
A falta de perspectivas	8,1
Ser questionador/transgressor/ousado	5,0
Ser instável emocionalmente	2,8
Ser criativo/empreendedor	7,1
Ser egoísta	6,1
Ser consumista/comprar	0,0
Depende do ambiente em que convive	0,0
Ser respeitado	0,0
Ser inteligente	0,0
Ser alegre/feliz	0,0
Ser mal educado	0,0
Ser agressivo	0,0
Ser violento	0,0
Ser irresponsável	0,0
Ser dependente de drogas	0,0
Nenhuma destas	0,2
Não sabe/Não opinou	4,9
Total	100,0

FONTE: Pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”. Unesco, 2004<sup>iii</sup>.

A grande expressividade do item relativo à moda e à aparência como a característica que melhor definiria a condição juvenil obriga a uma breve análise. De modo geral, parece que a escolha de mais de 1/4 do total de entrevistados vai ao encontro dos pressupostos de diversos autores, quando estes ratificam a importância da moda, do vestir e da aparência para um melhor reconhecimento e distinção de um dado contexto histórico-social. Assim, não é rara a afirmação que se deve à moda o primeiro *insight* que leva à percepção e ao entendimento de uma dada realidade. Não é por outra razão que, para muito além dos campos tradicionalmente afetos a essa área (artes plásticas, cinema, teatro, televisão, entre outros), assiste-se a um crescente movimento, por parte de diferentes esferas do conhecimento, no sentido da incorporação progressiva de postulados relacionados à moda como desveladores de múltiplos aspectos da realidade, muitos dos quais considerados, até há pouco tempo, fora de seu foco de abrangência.

Alison Lurie (1997) afirma que há milhares de anos os seres humanos vêm se comunicando através da “linguagem das roupas”. Assim, antes mesmo de um contato mais próximo, os seres humanos são capazes tanto de relatar como de omitir ou falsear, uns para os outros, importantes aspectos de sua condição



biológica e sócio-cultural (sexo, idade, classe social, trabalho, origem, personalidade, estado de espírito etc.) simplesmente por meio das roupas que envergamos. Destaca ainda que, da mesma forma como toda e qualquer língua escrita e falada, o idioma das roupas está sempre em transformação, uma vez que inscrito no bojo dos processos sociais, que guardam, como principal característica, o fato de se encontrarem em constante transformação, mesmo quando travestidos de um sentimento de nostalgia.

Afirmção do mesmo teor vem de Gramsci (1989), quando este, ao ressaltar a importância da alimentação, do modo de reprodução, da moradia e do vestuário na definição do conceito de “homem”, adverte que nos aspectos antes referidos *residem elementos da vida social, nos quais, da maneira mais evidente e ampla (isto é, com extensão de massa), manifesta-se o conjunto das relações sociais.* (p. 42). Nesta direção, atenta ainda para a importância, qualquer que seja a análise, de sempre se levar em conta a dimensão cultural, uma vez que *não o “pensamento”, mas o que realmente se pensa, une e diferencia os homens, razão pela qual considera o conjunto das relações sociais como a verdadeira natureza humana, vez que aquelas trazem inerente a noção de devenir, de transformação, presente em todas as ações do homem* (p. 43). Assim, pode-se dizer que moda e cultura encontram-se, portanto, intimamente relacionadas num plano mais abrangente, traduzindo-se e ressignificando-se mutuamente, de acordo com o contexto em que se entrecruzam.

Steele (1997) acrescenta que *a moda jamais foi somente algo sobre partes do corpo, mas sobre identidade* (p. 196). Isto porque, quando a percepção sobre nós mesmos se transforma, nosso modo de vestir, de nos apresentarmos socialmente, também muda, materializando essa transformação.

Lurie (1997) destaca ainda que, praticamente desde os primórdios de sua invenção, a roupa vem sendo utilizada para diferenciar o jovem do velho. Entretanto, e da mesma forma que Lipovetsky (1989), vai situar entre os anos 1950 e 1960 o impulso de uma cultura jovem, cuja glorificação total teria se dado entre o final da década de 60 e início da de 70. Nesse contexto, lugar de absoluto destaque foi ocupado pela moda, que, adquirindo o *status* de um de seus principais porta-vozes, segundo Lipovetsky (1987), *acelerou a difusão dos valores hedonistas [e] contribuiu para dar uma nova fisionomia à reivindicação individualista* (p. 120). Prossegue o autor, ressaltando que *a agressividade das formas, as colagens e justaposições de estilos, o desalinho, só puderam impor-se (...) trazidos por uma cultura onde predominam a ironia, o jogo, a emoção-choque, a liberdade das maneiras* (*idem, ibidem*: 120).

Se com a afirmação do modelo jovem um novo princípio de “imitação social” se impôs, como tal modelo estaria, então, repercutindo junto àquela parcela da população que vem justamente se constituindo a sua fonte direta de inspiração, ou seja, a própria juventude?

Segundo Margulis e Urresti (1996b: 133-145), por ser efêmera, a moda tem de se submeter a uma constante mudança, cujo resultado é a construção de “identidades frágeis”. Por conta disso, a suscetibilidade à moda seria maior entre os jovens, face à sua dependência da aparência física, ou seja, da vestimenta, do corpo e do penteado, além das predileções musicais e dos seus códigos verbais. Sua ênfase nesses aspectos seria inversamente proporcional ao que eles ainda não alcançaram no meio social, tais como o desempenho profissional, científico, artístico e econômico, o emprego, a constituição de família etc., situações estas mais identificadas com a vida adulta.

Nas sociedades de consumo, a moda - por intermédio de um de seus maiores aliados: a publicidade - é hábil em ressaltar o lado positivo dos valores associados à juventude. Desta maneira, apresenta-a, predominantemente, como uma categoria traduzida pelo prazer, pela estética, pela audácia, pela liberdade, pela capacidade de criação etc., quase nunca enunciando os aspectos negativos relacionados ao ser jovem, muitos dos quais decorrentes da própria forma como a sociedade os trata, tais como os pesares, as incertezas, a solidão, o desencontro, as limitações etc. Assim, *idealizam-se e reificam-se aspectos corporais que o passar dos anos modifica, construindo publicitariamente um imaginário sobre a juventude somente composto de saúde e felicidade* (Margulis e Urresti, 1996b: 140).





Considerando a função simbólica do consumo - ou seja, o seu papel no sentido de identificar, distinguir e dar prestígio, colocando o portador/usuário de certos objetos, linguagens etc. numa determinada categorial social -, pode-se dizer que os jovens que orientam seu consumo em função da moda buscam pertencimento, reconhecimento e legitimidade. Procuram ser aceitos, fazer parte de certos grupos, afirmando sua identidade social. Querem adequar sua maneira de vestir, de falar e de se expressar, suas preferências musicais e sua linguagem corporal às exigências do meio social em que aspiram se incluir.

A moda opera no limite entre a legitimidade e a exclusão. Por conta disso, requer o manejo de bens e habilidades, num contexto onde possuir apenas recursos econômicos não é o bastante. Para estar na moda, deve-se dispor de uma série de condições “aceitáveis”, a fim de que a mensagem que se almeja transmitir seja veiculada de forma eficaz. Obviamente, tal adequação implica num custo, que não apenas o de capital. Deste modo, o jovem, entre outras coisas, tem que abrir mão de algumas características de sua identidade pessoal, em função de se adequar a uma exterioridade cujo principal traço é estar em constante e acelerado processo de mudança.

Talvez por esse motivo, por essa conjugação complexa de fatores que definiriam o estar na moda pela ótica juvenil, é que, também de acordo com os dados contidos na tabela 1, os jovens de modo algum se percebem como consumistas, ou seja, propensos a comprar de forma desenfreada. Por essa linha, muito além do “consumo quantitativo”, parece prevalecer entre eles uma lógica mais ancorada num “consumo específico”. Logo, o que parece importar não é propriamente o número, a quantidade, mas sim a aquisição, a posse e/ou ostentação de determinados objetos que façam sentido para as múltiplas condições juvenis, mostrando-se capazes de distingui-los e situá-los, ainda que tais objetos impliquem, muitas vezes, no dispêndio de quantias elevadas.

Estar na moda implica, portanto, em responder ao apetite de legitimidade. O jovem se oferece ao olhar do outro a quem ele escolhe como referente, ao mesmo tempo em que também lhe confere poder, esperando, dessa forma, ser reconhecido, aceito e apreciado. O quadro se torna ainda mais complexo quando se considera, como vimos, que a juventude “está na moda” - razão pela qual também as pessoas mais idosas se sentem obrigadas a parecer mais jovens<sup>iv</sup> -, o que faz dela tanto sujeito quanto predicado, categoria consumidora de moda e, ao mesmo tempo, o próprio objeto da moda, num processo moto-contínuo com características fortemente autofágicas. O resultado disso é a cristalização do mito construído pela sociedade de consumo em torno de uma noção idealizada de juventude, num movimento que, ao invés de partir de sua complexidade - aí incluídas as suas contradições -, acaba por afastá-la do “mundo concreto” (Kosik, 1976), concorrendo para a manutenção da série de conflitos que são experimentados pelos jovens na contemporaneidade.

## **2.1 O lado bom e o lado mau de ser jovem**

Como já pontuado, ao se fazer a análise do quadro desenhado pela tabela 1, percebe-se, de modo geral, uma prevalência de respostas consideradas positivas sobre aquelas de natureza negativa, indicando que, para os respondentes, vivenciar a condição juvenil não implica, unicamente, atravessar um período difícil, ainda que passageiro, cuja melhor saída seria a entrada num mundo caracterizado pela hegemonia dos adultos. Ao contrário, as percepções dos jovens indicam que estes gostam de vivenciar tal condição, não se furtando, portanto, de usufruir as prerrogativas inerentes a ela.

Por esse caminho, é bastante revelador notar que o número de jovens que assinalaram as opções nas quais a juventude é identificada pela violência e pela agressividade, pelo consumo de drogas e pela falta de educação e de responsabilidade é estatisticamente inexpressivo, com porcentagem nula de marcação. Ao mesmo tempo, observa-se que, no que pese uma parte dos jovens ter sinalizado com a falta de perspectivas, a instabilidade emocional e a insegurança como características definidoras da condição juvenil, na percepção da maioria deles, além de sua identidade visual e cultural, o que define a juventude mais freqüentemente é a sua consciência, responsabilidade e compromisso, a sua criatividade e a sua forma de expressão.



A visão predominantemente positiva que os jovens têm de si mesmos parece coadunar com a percepção que manifestam de também estarem satisfeitos com sua própria existência. Quando inquiridos a demonstrar o nível de satisfação em relação à sua vida nos dias de hoje, os entrevistados responderam que estão ou muito satisfeitos (6%) ou satisfeitos (69%), perfazendo um expressivo total de 75%, o que significa dizer 3/4 da juventude brasileira.

Vale, no entanto, ressaltar que, apesar desse índice de satisfação, em hipótese alguma se pode esquecer que cerca de 1/4 da juventude também se considera insatisfeito (22%) ou muito insatisfeito (2%) com sua vida. Isso significa dizer, em números ampliados, que aproximadamente 12 milhões de jovens brasileiros estão descontentes com o seu dia-a-dia, situação esta que, comprometendo de forma negativa o presente, caso não se reverta ou amenize, pode se manter ou mesmo se agravar no futuro, perpetuando um quadro de contornos preocupantes.

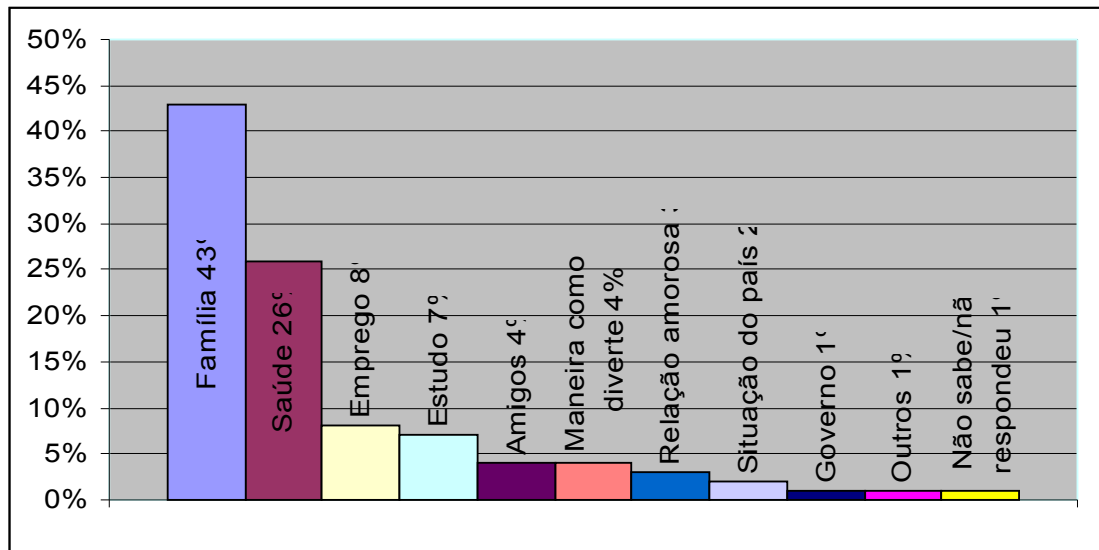
O gráfico seguinte explicita as principais razões apontadas pelos jovens entrevistados por se sentirem satisfeitos ou muito satisfeitos com a vida que levam. Como pode ser visualizado, a família foi, de longe, o item mais mencionado pelos respondentes, sendo a responsável por 43% do total das indicações. A seguir, com 17 pontos percentuais abaixo da primeira indicação, está a saúde, perfazendo 26% das escolhas. Na terceira e na quarta posições, bem abaixo das anteriores, encontram-se, praticamente nos mesmos patamares, o emprego (8%) e o estudo (7%).

Os amigos e a maneira como se divertem apresentam o mesmo - e baixo - percentual de satisfação, ou seja, 4%. Uma possível explicação para esse quadro duplo talvez possa ser encontrada através dos resultados de pesquisa recentemente realizada, junto a jovens cariocas, na Cidade do Rio de Janeiro (Motta et al., 2006). No que diz respeito às pessoas com quem convivem, os jovens se ressentem, segundo o estudo, da duplicidade de sua conduta. Como exemplos, 56% dos entrevistados alegam possuir parentes ou amigos que, embora bebam ou fumem, digam que tais hábitos são prejudiciais à sua própria saúde; outros 55% também afirmam conhecer pessoas que, embora se posicionem contra a pirataria, não hesitam em consumir produtos piratas<sup>v</sup>. Quanto à forma pouco satisfatória como se divertem, uma possível explicação pode ser atribuída ao fato de que muitos dos jovens pesquisados no estudo carioca reclamam da falta de liberdade para se divertir, não por conta de uma educação rigorosa, mas pelo medo dos seus pais de que sofram algum tipo de violência.

Um outro dado denunciado pelo gráfico 1 se refere ao desencanto recorrentemente expresso pelos jovens quanto ao modo como vem sendo conduzido o destino político-administrativo do Brasil, uma vez que, como fica evidente, a situação do país e o seu governo foram os itens com os menores índices de escolha entre os entrevistados (2% e 1%, respectivamente). Tal estado de coisas pode ser entendido, por sua vez, como um dos possíveis reflexos de sua indignação a propósito da escassez de ações voltadas para as juventudes, escassez esta que se traduz, entre uma série de outros fatores, pela ausência de uma política pública especificamente direcionada para esse estrato da população (Unesco, 2004).



**Gráfico 1 - Distribuição da população jovem segundo razões para estar satisfeita ou muito satisfeita com a vida que leva hoje - Brasil, 2004**



Fonte: Pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”, Unesco, 2004

Pode-se dizer que, como toda construção social, o conceito de família tem se modificando substancialmente ao longo dos anos. Considerado como indicativo da primeira sociedade organizada do mundo, servindo de base para a constituição de uma série de outras sociedades, vinha sendo tradicionalmente utilizado no sentido de sinalizar, na grande maioria dos casos, o agrupamento de duas pessoas de sexos opostos, amparadas por um contrato civil e/ou religioso, com intenção de procriar, preferencialmente em um domicílio diferente do paterno.

Tal noção, no entanto, passou - e inevitavelmente continua a passar - por diversas e profundas transformações, sobretudo a partir da década de 1960. Assim, segundo a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2006), o “novo” conceito de família, ainda que reconhecidamente transitório, está atualmente associado (...) *aos grupos formados não só pelo casamento civil ou religioso, mas também pela união estável de homem e mulher ou por comunidade dirigida somente por um homem ou por uma mulher (mãe solteira, no caso).*

Segundo Gonçalves (2005), em face da fraqueza das instituições, tem cabido às famílias, como também àqueles que estão mais próximos dos jovens, desempenhar, em primeira instância, o papel de promotores da regulação de suas respectivas condutas. Citando o sociólogo alemão Norbert Elias, a autora ressalta que os laços de parentesco tendem a se estreitar na medida em que o Estado deixa de cumprir com as atribuições que lhe são designadas pela contemporaneidade, situação esta característica de estágios “mais primitivos” do desenvolvimento social. Nesses casos, o que se observa é uma inversão dos papéis, com a família, ou seja, o espaço privado, assumindo funções que deveriam ser desempenhadas pelo poder público.

O nível de satisfação dos jovens remete à análise de um dado inverso, qual seja, o de seu nível de insatisfação ou de muita insatisfação para com a vida. Neste sentido, ao serem agrupados os indicadores dessa situação, o quadro anterior se modifica de forma substancial. Por essa óptica, o “emprego” passa a representar a maior fonte de insatisfação da juventude com a sua vida, atingindo o elevado percentual de 60% das marcações. A seguir, e bem abaixo da primeira opção, aparece a “situação do país”, agrupando 12%, seguida pelo “governo”, com 8%. Tais indicadores somados totalizam 80% das escolhas, o que vem reforçar a tese de a insatisfação juvenil ter relação direta com o modo como vêm sendo conduzidos os rumos político-administrativos do país, num cenário em que a escassez/ausência de ações voltadas para as juventudes é uma de suas características mais evidentes.



### 3. Finalmente...

Como visto, muito embora as juventudes ocupem lugar central e destacado na sociedade contemporânea, constituindo um importante parâmetro para praticamente todos os estratos etários e sociais - através, entre outros mecanismos, da venda de seus atributos sob a forma de mercadorias -, fica patente que tal centralidade se materializa, de modo objetivo, muito mais num âmbito estético do que, propriamente, ético.

Assim, ainda que tanto o vigor e a plasticidade de sua forma física, de suas roupas, bem como de todas as demais características pautadas na representação do que os jovens aparentam ser se afigurem como socialmente desejáveis, corroborando nossa crença na enorme influência exercida por eles, numa dimensão estética, sobre o corpo social, no campo da ética - aqui traduzido como o conjunto de regras, maneiras de pensar ou princípios que orientam, ou tomam para si a autoridade de orientar, as ações de um determinado grupo social (Singer, 1994), ou, nas palavras de Frei Betto (2006), (...) *os usos e costumes adotados numa sociedade para se evitar a barbárie de a vontade de um violar os direitos de todo* -, a autoridade das juventudes revela-se bastante limitada, para não dizer inexistente...

Premidos por um mundo adulto que, ao mesmo tempo em que os coloca como alvo máximo de seus desejos estéticos (ou lançando mão de um termo empregado de modo muito corrente na contemporaneidade para definir algo que é muito desejado e potencialmente adquirível através da compra, verdadeiros “sonhos de consumo”), na outra mão, relega-os a um plano eminentemente secundário, limitando-os à condição de “modelos mudos”. Assim, caçando-lhes a palavra através de variados mecanismos de exclusão - compreendidos, entre outros, pela visão dual e maniqueísta tanto de seu presente quanto de seu futuro, pela imposição de uma ordem adultocrata, na qual os espaços de contestação e expressão dos jovens são raros, e pela culpabilização por mazelas quase sempre associadas a episódios violentos, as quais, apresentadas como inerentes à juventude, são despidas de um significado social -, reforça-se uma prática que trafega na contramão da noção de ética aqui referida. Isto porque, e justamente por conta de sua natureza excludente, não contempla a síntese dos chamados interesses coletivos - aí incluídos os juvenis -, conjunção esta imprescindível para a constituição da chamada consciência ética.

Não é intenção negar que passamos todos por tempos de aceleradas transformações e dificuldades, alguns lugares e países em maior grau que outros, dependendo da posição que ocupam ou são compelidos a ocupar. E desse contexto não ficam de fora os jovens, em torno dos quais não cabe mais construir um mito pela simples razão de serem jovens (Ribeiro, 2004), sob o risco de, desmaterializando-os, perpetuar sua exclusão de ações em que eles, para além de objeto, deveriam ser obrigatoriamente os sujeitos.

Apoiados na percepção de nossas juventudes, podemos dizer que estas nos sinalizam com o otimismo, com a certeza de que pouco ou nada se perdeu, que ainda há muito espaço por onde começar/recomeçar a construção de um outro mundo. Um mundo melhor, porque possível. E possível porque também mediado pela ótica e pela participação juvenil tanto numa dimensão estética quanto ética.

### 4. Obras citadas

ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Garcia (coord.) (2006), *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*, Brasília, UNESCO.

BOURDIEU, Pierre (1983), *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero.

BRASLAVSKY, Cecilia (1986), <<La Juventud en Argentina: entre herencia del pasado y la construcción del futuro>>, em *Revista de la CEPAL*, nº 29, Santiago de Chile.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil et al. (2005), *Estar no papel: cartas dos jovens do ensino médio*, Brasília, UNESCO/INEP/MEC.

FREI BETTO (2006), *Ética, mera questão estética?*, Protocolo disponível em <http://www.alia2.net/article142382.html>, [Data de acesso: 22 de outubro de 2006].



GONÇALVES, Hebe Signorini (2005), "Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade", *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, Protocolo disponível em: [http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103](http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103), [Data de acesso: 21 de outubro de 2006].

GRAMSCI, Antonio (1989), *Concepção dialética da história*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

IBGE (2005), *Mudanças no código*, Protocolo disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/familia/codigo.html>, [Data de acesso: 12 de outubro de 2006].

KEHL, Maria Rita (2004), "A juventude como sintoma de cultura", em Regina Novaes e Paulo Vannuchi (org.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Perseu Abramo.

KOSIK, Karel (1976), *Dialética do concreto*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LIPOVETSKY, Gilles (1989), *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, São Paulo, Companhia das Letras.

LURIE, Alison (1997), *A linguagem das roupas*, Rio de Janeiro, Rocco.

MARGULIS, Mario e URRESTI Marcelo (1996a), <<La juventud es más que una palabra>>, em Mario Margulis (editor), *La juventud es más que una palabra*, Buenos Aires, Biblos.

\_\_\_\_\_ (1996b), <<Moda e juventud>>, em Mario Margulis (editor), *La juventud es más que una palabra*, Buenos Aires, Biblos.

MOTTA, Cláudio e BERTA, Ruben (2006), *Entre a teoria e a prática, um abismo*, O Globo, Editoria Rio, p, 18, 16/09/06.

PAIS, Jose Machado (1993), *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

RIBEIRO, Renato Janine (2004), "Política e juventude: o que fica da energia", em Regina Novaes e Paulo Vannuchi (org.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Perseu Abramo.

RODRIGUEZ, Ernesto (2004), *Existe el riesgo de caer en un populismo punitivo*, Protocolo disponível em <http://www.chicosdelacalle.org/news04b/expertof.html>, [Data de acesso: 19 de outubro de 2006].

SINGER, Peter (1994), *Ethics*, Oxford, Oxford University Press.

STEELE, Valerie (1997), *Fetichismo: moda, sexo & poder*, Rio de Janeiro, Rocco.

UNESCO (2004), *Políticas De/Para/Com Juventudes*, Brasília, Unesco.

<sup>i</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; Professor da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio; Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

<sup>ii</sup> Doutorado em Educação da Universidade René Descartes-Sorbonne - Paris V; Membro do Conselho Nacional da Juventude do Brasil.

<sup>iii</sup> Foi perguntado ao jovem: pensando nas características de uma determinada faixa de idade, qual ou quais destas, na sua opinião, você acha que melhor define o JOVEM dos dias de hoje? Nota explicativa: podiam ser indicadas até 3 (três) características, por ordem decrescente de importância. As frequências aqui sistematizadas referem-se às indicações do 1º lugar.

<sup>iv</sup> Sobre esse aspecto, acrescenta Lipovetsky: "Aparentar menos idade agora importa muito mais do que exibir uma posição social" (1987: 120-121).

<sup>v</sup> Quanto às situações relatadas, vale ponderar que, ao passo em que as mesmas atestam o quanto os jovens observam o comportamento alheio, também denunciam o seu enorme potencial em reproduzir com outros a forma crítica e, muitas vezes, moralista com que certamente são "enquadrados" pelo mundo adulto. Prova disso foi o alto percentual de marcação obtido, nesse mesmo estudo carioca, pelo item "moral" quando os jovens foram perguntados sobre aquilo que, no seu entender, seria mais importante para o conjunto da sociedade. Desta maneira, fazemos nossas as palavras de Paulo Freire, quando o educador nos ensina que "numa sociedade desigual a cabeça do oprimido tende a hospedar a cabeça do opressor" (*apud* Frei Betto, 2006).